



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9900 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

MUSICOGRAFIA BRAILLE: IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM MÚSICA

Karla Cremonez Gambarotto Vieira - USP- Universidade de São Paulo

MUSICOGRAFIA BRAILLE: IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM MÚSICA

Resumo

O texto é parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado concluída no ano de 2020 referente ao uso da Musicografia Braille que possibilita o acesso da leitura e escrita musical no Sistema Braille à pessoa cega. Tal sistema poderá possibilitar a aquisição e apropriação musical e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, como por exemplo, a imaginação e criação. O objetivo deste estudo, ancorado na psicologia histórico-cultural, foi refletir e analisar os processos de *criação e imaginação em música* por meio da apropriação da Musicografia Braille a partir dos relatos de vivências de estudantes e profissionais cegos que utilizam e/ou utilizaram no processo de formação musical. Como procedimento metodológico, optou-se por entrevistas abertas com um roteiro previamente estruturado a sete adultos cegos, sendo quatro deles com deficiência adquirida e três participantes com deficiência visual congênita; quatro profissionais em música e três estudantes. Foi possível concluir que por meio da mediação da Musicografia Braille os participantes cegos ao se apropriarem dos conhecimentos sistematizados em música, tiveram a possibilidade de pensar/imaginar musicalmente e teoricamente os elementos musicais e a partir de tal conhecimento, criar e/ou exercitar o processo de composição.

Palavras-chave: Musicografia Braille. Deficiência Visual. Criação e imaginação. Enfoque histórico-cultural.

Com a permissão ao Ministério da Educação (MEC), da tradução à Língua Portuguesa do Manual Internacional de Musicografia Braille e a publicação no ano de 2004, há a possibilidade da pessoa com deficiência visual ter acesso à escrita e leitura musical por meio do Sistema Braille, bem como aos elementos musicais. Porém, de acordo com Bonilha (2010) e Tomé (2003), a Musicografia Braille se faz desconhecida por muitos alunos de música, profissionais e professores o que impossibilita o músico cego ter acesso à escrita e leitura em música, compreender a teoria musical em sua totalidade, possibilidade de criar e compor com apropriação dos elementos musicais.

Nessa direção, o estudo apresentado é resultado parcial que integra uma pesquisa de mestrado mais ampla defendida no ano de 2020, acerca das contribuições da Musicografia Braille para a formação humana e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores das pessoas cegas. O objetivo deste estudo é refletir e analisar os processos de *criação e imaginação em música* por meio da apropriação deste sistema musicográfico a partir dos relatos de vivências de estudantes e profissionais cegos que utilizam e/ou utilizaram no processo de formação, a Musicografia Braille.

De acordo com a perspectiva teórica assumida – a psicologia histórico-cultural –, há possibilidades de reorganizações psíquicas de constituição social da pessoa com deficiência visual por meio da mediação da cultura organizada de forma intencional e sistematizada. Referindo-se a esta deficiência, Abreu (2008), explana que o Sistema Braille possibilita a escrita e leitura à pessoa cega por meio da combinação dos pontos em relevo e, de acordo com os estudos de Defectologia de Vigotski (2012a), tal sistema é para a pessoa cega uma das vias alternativas do acesso ao aprendizado da escrita e leitura que, a depender da cultura na qual está inserida, ao se apropriar desse instrumento que irá mediar às significações sociais elaboradas ao longo do tempo, poderão desenvolver suas funções psíquicas superiores.

Para refletir sobre o ensino da música, os princípios da psicologia histórico-cultural do desenvolvimento humano nos permite compreender que o saber musical é aprendido nas relações sociais e se objetiva enquanto produto de experiências culturais internalizadas e não advém de um dom. Nessa perspectiva, a concepção de desenvolvimento, possibilita redimensionar a visão teórica sobre a questão do aprendizado musical e a sua importância na formação cultural dos indivíduos. Vigotski (2012a), afirma que o processo de desenvolvimento psíquico humano ocorre nas relações sociais e tem por instrumento simbólico principal, a linguagem, que poderá proporcionar a apropriação e a objetivação de conhecimentos. Para ele, quando há o impedimento psicofisiológico no desenvolvimento humano, a superação poderá ocorrer a partir da compensação social, por meio do acesso à cultura.

A internalização das relações sociais consiste na conversão das relações entre as pessoas para relações semióticas internas da pessoa - do coletivo ao individual. Quanto mais o homem internaliza a cultura se apropriando dos saberes, mais o cultural imprime algo novo e impõe uma natureza social no campo biopsíquico. O momento mais importante para Vigotski é quando a fala e a atividade prática, que é o pensamento pré-verbal, estão em convergência e a linguagem produz novas relações com o ambiente em sua complexidade. Sem a fala não há produção da imagem do real, não há planejamento e nem ideia para que haja nesse meio uma maneira criadora (VIGOTSKI, 2010).

Ao internalizar as atividades socialmente desenvolvidas, a incorporação da cultura é o que constitui o homem; ou seja, é o salto qualitativo do psíquico elementar, que também é inerente ao animal, para o psíquico humano. Para Vigotski (2012b), o desenvolvimento humano não é linear, e sim um processo dialético complexo com evoluções, mudanças, recuos, avanços, transformações, ou seja, transformação qualitativa de capacidade. É um entrelaçamento de processos evolutivos e involutivos, a transformação de uma forma a outra, mudanças cruciais e saltos de superação das funções - superação por incorporação. Para explicar as funções psíquicas superiores que são formadas com a inserção do homem na sociedade e na cultura, o autor destaca, dentro outras, a criação e a imaginação.

Na obra *Imaginação e Criação na Infância*, Vigotski (2009) menciona que há dois tipos principais de atividade humana: reprodutiva e combinatória. A primeira está envolvida intimamente à memória e tem por essência reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes; sua base

é a reprodução de algo existente e, assim, nada novo é criado. Ao relacionarmos com a Musicografia Braille, é possível compreender que ao conhecer e se apropriarem desse sistema musicográfico, os participantes com deficiência visual reproduziam as partituras em Braille, já existentes, seja executando no instrumento ou realizando leituras por meio de solfejos.

A segunda atividade, a combinatória, está relacionada à imaginação, que permite ao cérebro, além de combinar e reelaborar ações de experiências anteriores, construir novas situações e comportamentos, ou seja, apoiar no que já existe para a superação, uma nova criação. Nesse movimento, quando relacionamos tal afirmação com o ensino da música, podemos compreender que por meio da apropriação da Musicografia, a pessoa com deficiência visual tem a possibilidade de compor musicalmente.

Para o autor, o homem precisa se apropriar do que está na cultura para criar objetivações. A imaginação é acessível ao homem inserido socialmente na cultura, pois o ato de imaginar não é inato como função dada biologicamente e, nessa perspectiva teórica, a imaginação é resultante da antecipação mental do que espera ser alcançado, algo iminente, que poderá existir a depender da atividade em processo.

Tal perspectiva teórico-metodológica busca enfrentar a realidade concreta possibilitando analisar o movimento da criação e imaginação humana dos elementos musicais por meio da Musicografia Braille, movimento que não está explícito e em sua pseudoconcreticidade (concretude aparente), não se revelando no imediatismo, mas pelo desvelar de suas mediações e contradições internas.

Como procedimento metodológico da investigação, optou-se por entrevistas abertas (MARCUSCHI, 2001), com um roteiro previamente estruturado. Após o aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), participaram sete adultos com deficiência visual (cegueira): quatro com deficiência adquirida e três com deficiência congênita; quatro profissionais em música e três estudantes que utilizam ou utilizaram no processo formativo a Musicografia Braille. O foco da entrevista, no que se refere a este texto, são os relatos de vivências com a Musicografia Braille que impactaram a imaginação e criação da música e a correspondente transformação do modo como os sujeitos se relacionam com a música na vida concreta. As entrevistas foram audiogravadas, as transcrições e análise trouxeram indícios quanto à possibilidade de a pessoa cega aprender a teoria musical, bem como escrever e ler as partituras e a possibilidade da imaginação e criação musical por meio da Musicografia Braille.

Uma das participantes da pesquisa descreve o movimento que ocorre em seus estudos musicais pela mediação da Musicografia Braille: ela se apropria dos conceitos em música, da leitura e escrita e de toda informação que há na partitura musical, decorara o que há nela por meio de cada trecho, afirma que é “como se fosse um mapa”. O mapa dessa partitura, ao qual ela se refere, parece ao que Rubinstein (1967) denomina como singularidade da imaginação quanto às funções psíquicas humanas, que modificam o que já está estabelecido com o objeto, de forma a produzir uma nova imagem.

Outro participante aponta quanto à contribuição da Musicografia Braille no processo de criação musical, autonomia em criar e compor de acordo com os estudos sistematizados teórico-prático, ou seja, com a apropriação da teoria musical e técnicas de execução do seu instrumento. Mediante aos apontamentos, foi possível compreender que, ao se apropriar do que há musicalmente na cultura constituído historicamente, fruto do trabalho humano de alta complexidade; apoia-se nele para ir além, e, em seu caso, esse além se refere à composição, à criação musical, a autonomia de escrever a sua criação por meio da Musicografia Braille e compartilhar a sua composição seja tocando-a no instrumento ou por meio da partitura que está em Braille, mas que pode ser escrita em tinta. De acordo com as proposições

vigotskianas, Martins (2015) aponta que essa transformação ocorre por meio dos saltos de qualidade que poderá possibilitar o desenvolvimento das funções psíquicas superiores - quando o indivíduo passa do não saber ao domínio do saber.

É por meio do processo de significação – mediação semiótica – que o desenvolvimento humano é constituído socialmente. O plano intrapessoal é formado pela internalização do que esteve presente no plano interpessoal, como processo criativo de apropriação e domínio. A autonomia do indivíduo e a regulação de suas ações constroem-se sobre interações e são os processos de apropriação da cultura e individualização que permitem a passagem de formas elementares de ação para as formas complexas, mediadas principalmente por signos, neste caso a Musicografia Braille.

Ao relacionarmos a palavra com a Musicografia Braille, é possível compreender a explicação de Bernardes (2011), apoiada em Vigotski, que “ao mesmo tempo em que é representativa do sistema social de códigos [...] a palavra representa um conceito histórico” (p. 524). Se a palavra representa um significado social e faz uso de códigos, nessa mesma perspectiva, pode-se pensar a música que utiliza um sistema para a representação sonora. Nesse contexto, é possível inferir que tanto a palavra, quanto a Musicografia Braille medeiam o processo de apropriação da realidade objetiva no campo das significações, ambos representam um sistema social de códigos elaborados historicamente na cultura.

Quanto ao processo de significação, os participantes explanam que antes de se apropriarem deste sistema musicográfico, reproduziam em seus instrumentos musicais os sons que ouviam, mas não compreendiam o significado do porque deveriam executar de um modo e não de outro; não entendiam teoricamente o que realmente significava cada som e afirmam a necessidade da intervenção pedagógica de um professor no processo de ensino da Musicografia Braille para que pudessem - atualmente como profissionais da música - chegarem no nível em que há apropriação musical por meio da Musicografia, autonomia de criar e imaginar musicalmente os elementos musicais sistematizados, agora com sentido e significado quando executa-os em seus instrumentos musicais por meio de uma partitura ou composição.

Foi possível concluir que por meio da mediação da Musicografia Braille os participantes cegos conseguiram se apropriar dos conceitos em música para o estudo do instrumento musical. Ao se apropriarem dos conhecimentos sistematizados em música, houve a possibilidade de pensar/imaginar musicalmente e teoricamente os elementos musicais e a partir de tal conhecimento criar e/ou exercitar o processo de composição. A Musicografia Braille possibilitou uma consciência do sentido e significado do que está na partitura e, nesse processo, foi possível identificar saltos qualitativos ocorridos quando os entrevistados se referem aos conhecimentos musicais espontâneos que tinham antes da Musicografia Braille e a mudança após se apropriarem do ensino desse sistema, que possibilitou o acesso aos conhecimentos sistematizados, autonomia para ler, escrever, pensar teoricamente a música, imaginar e criar as suas composições.

REFERÊNCIAS

ABREU, E.M.A.C. **Braille?** O que é isso? São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2008.

BERNARDES, M.E.M. O Pensamento na atividade prática: implicações no processo pedagógico. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.16, n. 4, p. 521-530, out/dez. 2011.

BONILHA, F. F. G. **Do toque ao som:** O ensino da musicografia Braille como um caminho para a educação musical. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, L. M. **O Desenvolvimento do Psiquismo e Educação Escolar:** contribuições à luz da Psicologia Histórico-cultural e da Pedagogia Histórico-crítica. Campinas/SP: Autores Associados, 2015.

RUBINSTEIN, S. L. **Principios de psicologia general.** México: Grijalbo, 1967

TOMÉ, D. **Musicografia Braille:** Instrumento de Inclusão. Dissertação. (Mestrado). Universidade Internacional de Lisboa, Portugal, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** 2 Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia:** Obras Escogidas V. Editorial Pedagógica Moscú, 1983 – Machado Libros: Boadilha del Monte (Madrid), 2012a.

VIGOTSKI, L. S. **Problemas del desarrollo de la psique:** Obras Escogidas III. Editorial Pedagógica Moscú, 1983 – Machado Libros: Boadilha del Monte (Madrid), 2012b.